

ENTREVISTA COM MIRIAM CHNAIDERMAN¹

AN INTERVIEW WITH MIRIAM CHNAIDERMAN

SIG - COMO VOCÊ CHEGOU ATÉ O PROJETO DESTA FILME?

Depois de ter feito “Sobreviventes” e mais um vídeo sobre um bairro bem violento daqui de São Paulo, M’Boi Mirim (“Dos índios, Das águas, Dos sonhos”) para a prefeitura, eu tinha decidido me dar um tempo no cinema. Talvez até parar, pois essa dupla pertinência é algo que me demanda um grande esforço. Trabalho muito no meu consultório, participo de um grupo de formação onde dou seminários, escrevo, etc., etc., etc.... Eu já tinha realizado dez documentários e queria cuidar dos meus livros, todos engavetados em meu computador... Inclusive meu doutorado, que é sobre Freud e Stanilavski, chama-se “O discurso do corpo e/ou o corpo do discurso”. A verdade é que meu encantamento com o ser humano vai me levando por todos esses caminhos. Isso de um enigma que nos constitui e que é tema da psicanálise e da arte, como se a arte sempre me instrumentasse na escuta analítica. Pela multiplicidade de caminhos possíveis, naquele momento eu tinha decidido escolher e me dar um tempo no cinema.

Mas quando li as primeiras entrevistas com a Laerte eu me encantei e pensei que esse seria um filme que faria. Era um discurso libertário, com muita crítica ao binarismo de gênero. Falava em uma libertação dos grilhões que nossa cultura impõe moldando a sexualidade. Por que menino tem que brincar de bola e menina de boneca? Admirei enormemente Laerte que, depois dos 60 anos, decidiu se vestir como mulher. E lá fui eu procurar Laerte. Sou imensamente grata ao cinema, pois sempre me vejo, em meus temas, por caminhos inusitados pela cidade. Lembro até hoje do taxi que me levou até a casa de Laerte e do olhar curioso do motorista quando ela/ele surgiu no portão. Cada vez mais Laerte é “ela”. No momento que iniciei o filme, ele/ela apenas se colocava radicalmente crítico na divisão homem/mulher que a cultura impõe. Assim como, na contracultura, junto com toda uma geração de cartunistas (Glauco, Angeli, entre outros) criticava os costumes, agora criticava o binarismo de gênero. Mais uma vez Laerte mostrava sua revolta e repensava a política. Depois, inclusive no decorrer do filme, foi sim se tornando mulher e hoje quer colocar seios. Está mesmo muito feminina.

Quando fiz minha visita a Laerte - marco onde se inicia todo o processo de construção do filme - ia movida por minha admiração e minha perplexidade. Não conhecia Laerte, cheguei através de amigos comuns. Ficou muito claro que Laerte não queria ser protagonista e que se sentia iniciante nesse processo todo.

Depois dessa visita, elaborei um projeto. Quando surgiu o Edital do MinC, eu não queria mandar. Tinha dúvidas sobre minha disponibilidade, tinha assumido um seminário teórico, estava com muitas horas de trabalho em minha clínica. Reinaldo Pinheiro meu companheiro e produtor, insistiu. Só mandei porque achei

¹Psicanalista,
membro do
Departamento de
Psicanálise do
Sédes Sapientiae,
Doutora em Artes
pela Escola de
Comunicações e
Artes da USP.
Ensaísta, escritora e
documentarista.

que não ia ganhar. Falei: “Manda... eles são conservadores, eu não vou ganhar mesmo...” E consegui ganhar em primeiro lugar e ter o dinheiro prá fazer o “De gravata e unha vermelha” .

SIG - A PATOLOGIZAÇÃO TEM A TENDÊNCIA DE HOMOGENEIZAR, PADRONIZAR OS COMPORTAMENTOS E OS DISCURSOS. O FILME, AO CONTRÁRIO, NOS APRESENTA A LÓGICA DO DESEJO DE CADA UM, A PARTIR DE SUA SINGULARIDADE. VOCÊ PODERIA COMENTAR ESTE ASPECTO?

Nós, como psicanalistas, sempre vamos trabalhar com a singularidade. Quando pensei o filme, meu objetivo era criar uma vertigem de infinitas possibilidades de configurações do desejo. Mostrar como o desejo é necessariamente disruptor. E que cada um vai construir seu jeito de viver a própria sexualidade. Na sexualidade, a patologização é uma grande questão. A homossexualidade, depois de uma enorme luta, deixou de ser doença. Embora, com a onda conservadora que assola nosso país, a luta nossa contra aqueles que defendem a cura gay ainda seja uma bandeira necessária. O transexual ainda é patologizado, ainda está entre as doenças psiquiátricas que constam no DSM. A propósito, para conseguirem atendimento do Estado, precisam ser patologizados. Como diz Thais de Souza no filme, “o Estado passa a ser dono do seu corpo”. O que é terrível.

Meu filme “De gravata e unha vermelha” se engaja na luta pelo direito à diferença. A diferença como fundante do desejo. Seja qual for essa diferença. Fico feliz de ter lançado o filme nesse momento em que corremos o risco de perder tantas conquistas.

SIG - O SEU FILME “SOBREVIVENTES” TAMBÉM APRESENTA SITUAÇÕES LIMITES VIVIDAS. TRAZ A IDEIA DE UMA RESISTÊNCIA, DE UMA RE-EXISTÊNCIA, DE UM TIPO DE DISCURSO MUITO RARO E TRANSFORMADOR. COMO VOCÊ PENSA O LUGAR DA PSICANÁLISE DIANTE DESTE DISCURSO?

Em meus documentários tenho trabalhado sempre com a possibilidade de invenção de um jeito de viver e criar únicos, mesmo em condições bem adversas.

O que me moveu a fazer “Sobreviventes” foi uma questão de Freud quando pensa o trauma no seu texto “Para além do princípio do prazer”. Freud define o trauma como invasão do Eu por estímulos de tal intensidade que não conseguem ser absorvidos. Ficam como corpo estranho na subjetividade. Fiz o documentário colocando a questão de se a qualidade do trauma poderia determinar a possibilidade de elaboração. Por exemplo, no “Sobreviventes” há relatos de pessoas que levaram choque na prisão política e um relato de choque em tratamento psiquiátrico.

O “De gravata e unha vermelha” tinha sim como questão a sexualidade e os caminhos do desejo. Mas era preciso me despir de toda a teoria e me abrir para um mundo que não pode ser lido apenas como negação da castração, psicose ou perversão. Isso que hoje é chamado de fenômeno das “novas sexualidades” e que, na psicanálise muitas vezes foi entendido como um dos caminhos da psicose, nos obriga a repensar a questão edípica. Penso que a castração pode não ser apenas fálica. Somos obrigados a nos repensar como psicanalistas. Pensar como permanecer no interior da psicanálise e fazer caber figuras como a Letícia Lanz,

que se define, no filme, como “uma mulher de pênis”. Tentando me instrumentar para, como psicanalista, dar conta de tudo que está no filme, venho trabalhando o seminário de Jacques Lacan, “De um discurso que não fosse semblante” e o livro da Monique Schneider, “A construção do masculino”. Mas, no “De gravata e unha vermelha”, eu me abri para o mundo das várias sexualidades e agora estou aqui, tentando dar conta de tudo isso como psicanalista. Rafael Kalaf Cossi no seu livro “Corpo em obra” (Ed. nVersos, 2011) cita Dunker: “... em consequência do caráter fantasmático da sexualidade, o que temos então é uma fragmentação e dispersão dos idos de gozo, que estarão sujeitos à contingência de cada um” (2004, p. 123). É isso que o filme procura legitimar.

Sempre me comovo com os personagens. Desde meu primeiro curta-metragem, o “Dizem que sou louco”, sinto que aqueles que conseguem bancar aquilo que são, são verdadeiros heróis. Isso implica, sim, em uma resistência à massificação, à homogeneização. É sobre isso tudo que Michel de Certeau reflete no seu livro “A Invenção do Cotidiano”.

SIG - COMO SURTIU A IDEIA DE COLOCAR A NARRAÇÃO DE DUDU BERTHOLINI? VOCÊ ACHA QUE ESTE DISCURSO SE ARTICULA COMO UM “DUPLO” COM O SEU?

Quando a gente faz um documentário, vão ocorrendo situações que te levam a invenções absolutamente inesperadas. Quando eu ganhei o Edital do MinC, o meu projeto era bem amplo mas muito calcado no que havia aparecido na imprensa com Laerte. Quando contei à Laerte que agora teríamos que fazer o filme, soube da sua não disponibilidade para fazer essa construção junto comigo. Acabara de fazer um curta, o “Vestida de Laerte” e se sentia exausta. Não queria, naquele momento, saber de cinema - alegava que se cansara enormemente, inclusive com ter que acordar muito cedo. Dispunha-se a ser entrevistada. Mas não em fazer esse caminho comigo. Fiquei perdida e desnorteada. Eu tinha apenas a curiosidade e a vontade de conhecer melhor tudo isso.

Dudu Bertholini frequenta a mesma padaria que eu. É uma padaria do lado da produtora e no mesmo quarteirão que meu consultório. Sempre me chamara a atenção aquele homem alto e bonito, com o cabelo longo e vestido com cafetans maravilhosos. Sempre com brincos e joias imensos, lindos. Ficava espantada com a tranquilidade dele. E, ainda mais espantada com o carinho e respeito dos funcionários. Os donos da padaria são portugueses absolutamente conservadores. Mas gostam e admiram Dudu. Eu já soubera que Dudu era estilista importante. Diante da falta de disponibilidade de Laerte, resolvi conversar com Dudu. Em plena padaria, contei a ele do meu projeto. Dudu se encantou. Marcamos um encontro e fizemos nossa viagem juntos. Assinamos juntos o que ele nomeou como sendo a curadoria do documentário. Claro que todas as figuras importantes são contatos que o Dudu fez: Rogéria, Ney Matogrosso, Johnny Luxo e alguns outros. Eu fiz o contato com João Nery, Letícia Lanz, e tantos outros. Dudu não esteve presente em todas as entrevistas. Nem sempre ele podia.

A presença de Dudu marca o documentário de um jeito muito importante. Explico melhor: a primeira entrevista foi com o próprio Dudu. Era um jeito de nos conhecermos melhor e criarmos alguma intimidade. Qual não foi minha surpresa

quando ele logo falou em cenografar a sua casa! Meus documentários anteriores buscavam filmar a vida dos personagens tal como ela é... Aliás, seria isso que definiria um documentário. Mas isso não existe para Dudu. Se você quer fotografar sua roupa ou marcar algum momento no celular, ele logo faz uma pose esdrúxula. É impensável ser fotografado sem posar... Tentei demovê-lo de cenografias quaisquer, mas isso ele nem entendia. Era uma outra língua. Fui entendendo que trabalharia com corpos e vidas cenografados. A cenografia era também o tema do documentário. Tanto que ficou impossível para quem assiste, saber qual ambiente foi cenografado e qual não. Foi mesmo uma escolha de linguagem. E a fotografia, da Fernanda Riscalì, foi pensada para criar esse efeito.

Não acho que o Dudu seja meu duplo não. Acho que ele introduz no filme algo que eu não tenho e um mundo que é o dele. E isso foi muito rico.

SIG - CHAMOU A ATENÇÃO NO FILME AS MUITAS HISTÓRIAS DE VIDA, UMA DIFERENTE DA OUTRA E O FATO DE QUE NEM TODAS SEGUEM A VERSÃO BIOMÉDICA DO “NASCI NO CORPO ERRADO”, O QUE FOI QUESTIONADO NA CAMPANHA PELA DESPATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS.

Sim são diferentes, mas têm muitas histórias que não estão no filme. O Ney Matogrosso fala que não se escolheu, que ele nasceu assim... Isto não está no filme. Fica mais aceitável se você não tem escolha, se não aparece o desejo. Uma frase que ele disse me chamou muito a atenção: Ele falou que seria um ato irreversível transar com uma pessoa do mesmo sexo. Acredito que não pode haver um caráter de irreversibilidade em qualquer jogo erótico. É mais fácil colocar assim do que falar em desejo. Os conselhos entraram na luta pela despatologização, O CFP e os CRPs. Entretanto, retirar esta questão do campo da patologia gera um problema, qual seja, se despatologizar eles perdem o atendimento do SUS, logo, essa luta não consegue muita adesão. A Laerte não quis responder sobre essa questão, achou muito complicado, não quis falar sobre isso, assim como a Taís, que é super politizada, mas que também não quis falar porque ela estava esperando a cirurgia no SUS. É uma bandeira que não pode ser levantada sozinha, pois é preciso manter o atendimento de saúde no SUS.

SIG - OUTRO ASPECTO QUE NOS CHAMOU A ATENÇÃO NO SEU FILME É QUE NENHUMA NARRATIVA COINCIDIU COM UM EU BIOMÉDICO. HOUVE UMA RUPTURA IMPORTANTE. UM PERCURSO NUNCA É IGUAL AO OUTRO.

O filme tem ido para festivais LGBT e queer. O ultimo foi na Argentina e era LGBTYQ e vai ser assim até o infinito com as letras porque é tão singular cada experiência. O que é maravilhoso na sexualidade é isso, que cada um que se invente e se construa. Conhece o livro da Patricia Porchat?

SIG - SIM, ELA DEU UMA ENTREVISTA NO ÚLTIMO NÚMERO DA REVISTA SOBRE O LIVRO.

Ela disse que gostaria de saber como a militância verá o filme. O filme milita pela diferença, eu não dei bola para as tribos. Os personagens são heróis que bancam a sua sexualidade. Eu queria um filme que fosse perto de todos nós, eu não queria mostrar a travesti, a marginal. Isso existe, mas já tem muitos filmes sobre isso. Vocês viram “Castanha”? O filme é muito bom, mas é uma história de

fim de mundo. A construção é maravilhosa, as personagens se apresentam, é inovador, mas tem a coisa do outro lado, da margem. E é uma questão de todos nós bancarmos a nossa sexualidade. Meu filme é sobre a sexualidade, no sentido amplo. A sexualidade é disruptora, mesmo se for tudo “certinho”. Se você vive o desejo, isso é disruptor. Freud já pensava assim.

SIG - ESSE É O ELO ENTRE A PSICANÁLISE E A ARTE.

É isso que me encanta. Eu sempre trabalhei nesse meio de campo entre a arte e a psicanálise que procura dar forma para o inominável. Fui para a arte para entender a clínica. Meu mestrado foi sobre literatura e psicanálise e foi publicado. O meu livro “O hiato convexo” é sobre a escuta psicanalítica, o que é, qual a especificidade. Fui fazer cinema depois. Quando fiz o primeiro documentário, sempre faço vinte coisas ao mesmo tempo, fazia também o doutorado sobre Freud e Stanislavski, sobre o trabalho do ator. A ideia era essa, de como a arte nomeia algo da psicanálise. Os documentários têm sido um jeito de fazer essa pesquisa, esse enlace.

SIG - O FILME TEM MUITAS PROVOCAÇÕES CLÍNICAS, TEM UM MOMENTO, ACHO QUE É A TAÍS QUE FALA QUE ELA NÃO TEM GOZO, MAS PRAZER.

Ela dá uma aula para gente, ela fala que “se eu não tiver gozo eu vou inventar o meu prazer”. Eu acho que tem questões clínicas importantes e isso me fez pensar muito. Eu participo de um grupo com psicanalistas, que tem como tema o complexo de Édipo. Eu acho que isso obriga a repensar essa estrutura e obriga a repensar a questão da diferença. Ela não precisa ser fálica. Muitos psicanalistas veem o meu filme como a comprovação de que não é possível sair do binarismo. A Leticia Lanz pergunta: “o que é que eu sou? Uma mulher com pênis?” É uma mulher de pênis e ponto final. A gente que se repense, pois isso não quer dizer perversão nem psicose. Foi o jeito que ela encontrou de estar no mundo. Se você vai para os psicanalistas como Pontalis e André Green, por exemplo, é muito impressionante o terror que eles têm da figura daquele que é homem e mulher ao mesmo tempo. Tem uma frase da Letícia em que ela diz: “por que é que a gente tem que ser classificado pelo que tem no meio das pernas? Não poderia ser de outro jeito?” Somos aprisionado na linguagem. A falta, a diferença, podem ser de outra ordem.

Muitos transgêneros querem se enquadrar. A Leticia quer manter nome de Geraldo, quer que os netos chamem de vô, os filhos de pai. Avó é a mulher dela, com quem vive há 35 anos. É uma intervenção política importante.

O primeiro que conheci foi o João Nery, ele tem ligações com alguns psicanalistas. É impressionante. Os trans homens acentuam a característica masculina, assim como as trans mulheres têm algo de caricato. Os homens resolvem melhor o problema porque a voz fica masculina, mas não conseguem ter o pênis. O João Nery me falou que se eu não entrasse no Facebook não iria conseguir fazer o filme. Então entrei... Através do João ouvi falar que a Letícia era presidente da Associação Brasileira de Trans. Nas entrevistas que fiz para o filme, Laerte falava contra o binarismo de gênero, questionando “por que não posso sair como eu

quero?” Isto é muito libertário.

A Letícia, eu fui atrás no Face, vi a cara dela e adorei. Ficamos amigas pelo Face. Ela topou participar do filme e comprei a passagem. Esta é uma história interessante. É muito caro fazer um filme, cada dia de filmagem é uma fortuna, arrumei lugar para a entrevista e comprei a passagem. Recebo um telefonema da Letícia um dia antes da filmagem e ela me diz: “você colocou na passagem Letícia e eu sou Geraldo”. Consegui, à meia noite, mudar o nome na passagem. É uma intervenção política porque ela chega ao aeroporto de mulherzinha Barbie, como ela diz, e apresenta o documento de Geraldo. Isso é muito importante. Eu acho que isso é o queer do jeito que a Judith Butler pensa. Eu a admiro muito, ela se define como psicanalista. Ela escreve o tempo todo no Face, tem um grupo que se chama Transgente e ela posta coisas muito importantes, do dia a dia e deve ajudar muita gente com isso.

No filme, eu quis mostrar o lado alegre de bancar o desejo e ir atrás do seu prazer. Acho que ela está triste no filme porque não assumiu antes, mas tem um papel importante e está num momento muito bom. Tem um processo de sofrimento atroz, mas tem também a alegria de bancar seu desejo e a coragem de fazer isso. As pessoas falam do sofrimento, não veem o prazer no filme, mas acho que isso é muito defensivo.

SIG - MIRIAM, OUTRO ASPECTO LEVANTADO PELA REALIZAÇÃO DO FILME É UMA PSICANALISTA FAZER POLÍTICA.

Concordo. Eu vivi a década 70, no momento da ruptura com a IPA, na Argentina. O grupo “Questionamos” é formado por colegas argentinos que foram trabalhar no Sedes. Vivi a militância nos anos 70, meu irmão foi exilado e tem coisas que hoje questiono, como, por exemplo, unir psicanálise e marxismo. Hoje eu penso diferente, a minha militância é como psicanalista na luta pelo respeito à singularidade e à diferença. Penso como a Laerte quando ela diz que o corpo é o lugar onde é possível a quebra e a ruptura. Com a perda da utopia, o corpo e a sexualidade passaram a ser a possibilidade da revolução e da ruptura. É como voltar para Reich. Lembrando a crítica de Deleuze e Guattari de que Reich valorizava demais o genital.

As coisas podem mudar a partir de novas formas de viver a sexualidade.

Miriam Chnaiderman é autora dos livros *O hiato convexo: literatura e psicanálise* (Brasiliense), *Ensaio de Psicanálise e Semiótica* (Escuta) e *Cinema e Psicanálise* (em fase de finalização). Documentarista: dirigiu os curta-metragens “Dizem que sou louco” (1994), “Artesãos da Morte” (2001), “Gilete Azul” (2003) e “Isso, Aquilo, Aquilo Outro” (2004), “Você Faz a Diferença” (2005), “Passeios no Recanto Silvestre” (2006), sobre o escritor, dramaturgo e cineasta José Agrippino de Paula, autora dos livros “Panamérica” e “Procura-se Janaína” (2007, 48 min, DVD), Prêmio o concurso “Rumos” do Itaú Cultural, 2006. Além de seus mais recentes trabalhos: *Sobreviventes* co-dirigido por Reinaldo Pinheiro e em co-produção com a TV Cultura de São Paulo/SesC e “M’ Boi Mirim” sobre o bairro de M’Boi Mirim, para a Prefeitura Municipal de SP (2009) e por fim seu mais recente trabalho o longa-documentário: *De gravata e unha vermelha*.

ALÉM DO OBJETO DE DESEJO

BEYOND THE OBJECT OF DESIRE

Liege Horst Didonet

“...Lo que les estaba diciendo, es que cuesta mucho ser auténtica, señora. Y en estas cosas no hay que ser rúcana. Porque una es más auténtica cuanto más se parece a lo que ha soñado de sí misma...”

Monólogo de Agrado em Todo sobre mi madre, de Pedro Almodóvar.

LIVRO: PSICANÁLISE E TRANSEXUALISMO: DESCONSTRUINDO GÊNEROS E PATOLOGIAS COM JUDITH BUTLER.

AUTOR: PATRÍCIA PORCHAT

CURITIBA: EDITORA JURUÁ, 2014, 172 P.

Quando estou diante de um paciente que se diz homossexual, masculino ou feminino, com que noção de homem e de mulher eu trabalho? interroga a psicanalista Patricia Porchat na introdução de *Psicanálise e Transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*.

Tal posição – escreve Miriam Debieux Rosa ainda no prefácio do livro – dá consequência à escuta psicanalítica como transgressora dos discursos convencionais do campo social e, no caso, também já estabelecidos dentro do próprio campo psicanalítico. Além de, como psicanalista, dá consequência a recolocar a relação clínica e teoria – a escuta clínica, o caso, reformulando a teoria, demonstra a potência da psicanálise, não como um corpo teórico estático, mas como uma prática que produz teoria.

É a partir da sua clínica, freudiana, como Porchat mesma qualifica – feita de muitas pessoas que se denominavam homossexuais, bissexuais e algumas transexuais – afetada pelas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade ao longo do tempo como o casamento gay, a homoparentalidade, as mudanças nas estruturas de parentesco, o surgimento de novas práticas sexuais e de novas identidades e considerando todas as questões teóricas e éticas que aí devem estar implicadas – que a professora e pesquisadora decidiu investigar o conceito de gênero. A sua tese de doutorado transformou-se nessa brochura que propõe uma aproximação entre a psicanálise e os movimentos sociais.

Para começar **Inventando gênero**, primeiro capítulo no qual a autora apresenta uma definição geral desse termo, construída com a leitura de autores próximos da teoria da construção social, como Michel Foucault, Jeffrey Weeks e Thomas Laqueur. Agrega a eles o psiquiatra e psicanalista Robert Stoller, com sua desco-

berta do conceito de “identidade de gênero” e seus estudos sobre o transexualismo. O dimorfismo sexual, a diferença entre sexo e gênero, gênero e psicanálise e feminino e masculino são algumas das questões abordadas na preparação para o encontro com a filósofa feminista Judith Butler e os conceitos – criados ou tomados emprestados por ela – com os quais ela tem, polêmica e brilhantemente, trabalhado nos últimos vinte e cinco anos.

Para fazer **Gênero, feminismo e psicanálise**, o capítulo seguinte, a autora convida algumas teóricas e feministas – como Donna Haraway e Gayle Rubin e psicanalistas como Nancy Chodorow, Jessica Benjamin e Emilce Dio Bleichmar – para, através do conceito de gênero, apresentarem as críticas que fazem à psicanálise, como contribuição para o entendimento da teoria de Butler.

Aqui lembramos que Porchat considera Butler uma autora difícil de acompanhar, uma teórica da Queer Theory que, em sua própria definição, é uma teoria que se opõe a todas as demandas de identidade e que insiste no fato de que qualquer um pode se engajar nos diferentes ativismos. Ela mesma é uma pensadora engajada na militância feminista, lésbica, gay, transsexual, transgênero e dos intersexo.

A psicanalista brasileira embrenhou-se na interdisciplinariedade através da história, antropologia, sociologia e filosofia como condição para seguir a filósofa norte-americana.

Assim chegamos no terceiro capítulo, segunda parte do livro, com **Judith Butler: sujeito e objeto**. Butler tenta estabelecer uma noção de sujeito que não determine, a priori, uma concepção de normalidade ou de patologia, a partir das identidades binárias de gênero. Ela não adota o feminino nem o masculino, os assim chamados por ela gêneros inteligíveis – porque concordam anatomia, sexo, desejo, práticas sexuais e gênero – como paradigma. Mas busca algo que está em outro lugar, além do compreensível, quiçá além do reconhecível e, portanto, fora do culturalmente reconhecido como humano. Então encontra os gêneros “não inteligíveis”, como diz Porchat, o “objeto”, esse Outro que virou “merda” – conceito tomado emprestado de Julia Kristeva – a quem Butler quer dar conta. “Trata-se de uma atitude política, de dar direito de cidadania ao “invivível”, ao “inabitável”, a quem não desfruta do status de sujeito, mas, paradoxalmente, define seu domínio”, ela propõe.

A teórica entende gênero como “ato performativo”: palavras, gestos, movimentos repetidos e estilizados que criam uma realidade e produzem um efeito ontológico, ou seja, fazem crer na existência de seres humanos “homens” e “mulheres” e mantém a lógica binária. E Butler atenta para quando há uma incapacidade de repetir, uma falha na repetição ou ainda uma repetição parodística da “performance social”, como brechas por onde escapam os aspectos ilusório do gênero. Sendo assim – diz ela – performáticos, os “gêneros inteligíveis” ou dominantes e os “não inteligíveis” ou não dominantes encontram-se no mesmo terreno, o do humano, não há seres mais ou menos verdadeiros, normais, ou mais ou menos falsos, patológicos.

A paródia, considerada por alguns leitores como exemplo máximo da subversão de gênero, lhe rendeu muita admiração e também críticas vindas da academia e da militância, para quem Butler se explicou com a ideia de resignificação. Porém, ela insiste que é na incapacidade para repetir e nas falhas na repetição dos atos performáticos que espereitam as possibilidades subversivas e transformadoras de gênero.

Então entra na cena teórica de Butler o corpo, que é pulsional, e que, portanto, às vezes, não obedece nem à intencionalidade do sujeito que o habita e é habitado por ele, nem às leis da cultura em que está inserido. Inevitavelmente, a psicanálise é chamada para sustentar a premissa da sexualidade e sua desobediência à vontade dos cidadãos e às regras da sociedade.

A filósofa vê surgir uma tensão entre a teoria de gênero e a psicanálise. As críticas vêm de todos os lados, tanto das feministas quanto das psicanalistas, sobre as questões relativas à performatividade e à intencionalidade, respectivamente. O conflito está posto, mas, como diz Porchat sobre a posição de Butler, “a pulsão não deve tornar-se obstáculo para uma ação política em defesa do abjeto”.

Nesse clima, Porchat adiciona Slavoj Žižek e Joan Copjec ao debate no capítulo quatro, **Críticas de Butler a Lacan e a Lévi-Strauss**. Freud e seu Complexo de Édipo clássico, por via da identificação, também já foram alvo de críticas dessa interlocutora da psicanálise e defensora do “abjeto”, suas pulsões e seus direitos.

Butler questiona as noções de “diferença sexual”, “simbólico” e “parentesco” da psicanálise lacaniana e suas heranças do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss. Ela é uma pós-estruturalista que recusa as tentativas de manutenção de posições estruturais que reforçam a regulamentação de gênero como estrutura binária assim como da universalização do parentesco. Butler considera essa atitude totalitária, que borra as nuances que poderiam matizar as relações humanas em suas diferenças entre si e na cultura, e que apaga a possibilidade de reconhecimento de outras formas de ser e estar humano no mundo.

CONCLUSÃO: GÊNERO, UMA CATEGORIA POLÍTICA

Patrícia Porchat volta ao início, retoma as conclusões de cada capítulo donde vê sempre surgir algo novo, diferente, transformador. Ela agora acredita que fazer psicanálise demanda um posicionamento político. E a sua posição é em favor de ver e escutar “gênero” e “homossexualidades” como termos que interrogam seus aspectos substantivos e prescritivos, termos que provocam e exigem constantes resignificações. Porchat cita Butler:

[...] A concepção de política que uso está relacionada à questão da sobrevivência, física e psíquica. Como criar um mundo em que aqueles que entendem seu gênero e seu desejo como não normativos possam viver e prosperar sem a ameaça de violência do mundo externo e sem o sentido pervagante de sua própria irrealidade, que pode levar ao suicídio ou a uma vida suicida. (BUTLER, 2004, p. 219).

A mais recente e vital proposição de Butler finaliza a inédita e contundente obra de Porchat, a qual inaugura a interlocução entre gênero e psicanálise e provoca que exerçamos nossa cidadania e nosso ofício na cultura contemporânea em que, por necessidade, chamamos de “novo” o que, na verdade, é “velho”.

*Liege Horst Didonet, Psicanalista, Integrante da equipe do
EPE e do Estágio em Psicologia Clínica da Sig e Membro
efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Email: liegedidonet@yahoo.co.uk*